

ENTRE A CRUZ E O TROTTOIR

Dia nove de abril, quarta-feira: o travesti Aldemir Alexandre de Lima ou Cláudia Capeta, como é conhecido nas ruas, sai da casa onde mora com um grupo de travestis, na Candangolândia, para sua última noite de programas. Falta pouco para as 18h. Sozinho, ele vence a pé a distância que separa a casa do córrego Vicente Pires, na DF-075, onde faz ponto.

O eletricista Paulo Santana Ferreira, 29 anos, sai, acompanhado de cinco amigos, da Itelb Eletricidade — localizada ao lado do córrego, onde mora e trabalha — às 18h. Quando volta à Itelb, avista um Opala preto, quatro portas, com dois ocupantes. Dez minutos depois, escuta um tiro e vê Capeta correndo mato adentro. Ele observa o motorista subir no capô do carro e disparar novamente. O motorista entra no carro e foge. Ninguém consegue anotar a placa do Opala.

Paulo caminha com dois amigos até as proximidades de onde Capeta foi avistado correndo. Encontra um sapato preto de salto alto e uma bolsa. Acha que o travesti escapou. Ledo engano. Entregam o sapato e a bolsa para outro travesti, conhecido por Isadora, que também faz ponto no local. Às 21h15, um Apollo vinho chega ao local com Isadora e outros travestis que moram na casa da Candangolândia. Eles encontram Capeta morta no matagal com um tiro nas costas.

CADÁVER DE UNHA PINTADA

No dia seguinte, funcionários da limpeza do Instituto Médico Legal brincam com o auxiliar de necropsia que lava o corpo do travesti, já todo remendado. O rosto cheio de maquiagem e as unhas das mãos e dos pés pintadas de vermelho denunciavam a opção sexual. "Você gostou desse aí, hein?", dizia o faxineiro ao auxiliar que misturava água com sangue sobre a cama de ferro.

Dia 12 de abril, sábado: o camêlo Werbeth N. Souza, 23 anos, conhecido como Goiano, está no buraco do Conic. O buraco é a denominação da galeria do subsolo dos edifícios Acropol, Venâncio V e VI, onde ficam concentradas as quatro boates e quatro bares do Conic.

Ele caminha pela galeria suja e escura, local onde meninos de rua vendem merla e cocaína, prostitutas e travestis oferecem o corpo e dançam nas boates, jogadores divertem-se nas mesas de sinuca e a vida vale



Policimento ostensivo e campanhas oficiais não reverteram a condição do Conic, ainda hoje um sinônimo de abandono

MEMÓRIA

UM HISTÓRICO DE TRÁFICO E ASSASSINATOS

Do ano passado para cá, inúmeras histórias de violência no Setor de Diversões Sul ganharam as páginas dos jornais. No dia 21 de dezembro de 1996, um vendedor de churrasquinho foi preso em casa

depois de jogar fora 14 papелotes de cocaína no Conic, assustado com a presença de policiais que faziam ronda em frente à sede da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

O vendedor pediu para uma prostituta pegar a droga e lhe entregar. Mas o plano saiu errado e ele foi preso já em casa, na mesma noite. No dia de Natal, um arrastão feito por 30 menores de rua deixou um rastro de destruição.

Uma loja de CD's teve todo o es-

toque roubado. Os menores quebraram a fachada da antiga Jeans Mania e ainda jogaram veneno na panela de feijão do restaurante Na Brasa.

No meio de todos os assassinatos de homossexuais no ano passado, agentes da Delegacia de Homicídios descobriram que o tenente I., 23 anos, desaparecido no dia 17 de abril, e o professor G., 48 anos, desaparecido em março, eram assíduos frequentadores da boate New Aquarius.

pouco. Muito pouco mesmo.

Quando Werbeth passa pelo corredor da galeria, às 3h30, próximo ao Bar dos Encontros, três tiros são disparados por um homem que a polícia conhece como Gino. Dois acertam as costas e o terceiro atinge a perna do camêlo.

O camêlo passa pelo Bar dos Encontros, sobe dois lances de escada de 20 degraus e desaba em frente à Livraria do Advogado, bem na porta de entrada do túnel que dá acesso ao buraco.

Werbeth é levado ao Hospital de

Base momentos depois, mas chega sem vida. A polícia tem informações sobre o crime, que aconteceu a menos de mil metros da Praça dos Três Poderes. Mas elas são insuficientes para encontrar o assassino que matou uma pessoa no centro da cidade há pouco mais de um mês.

ELOÁ, BRUNA E CAPETA

O camêlo E.P.S., que vende suas mercadorias entre o Conic e a Rodoviária, contou a agentes da 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul) o que ouviu de outro camêlo na mesma madrugada

do homicídio, em Águas Lindas (GO). Segundo E., Gino, traficante conhecido no Jardim Ingá, já havia atirado em Werbeth no dia anterior. Errou os quatro tiros. O motivo teria sido dívida de drogas. Werbeth passara o dia 12 de abril tentando adquirir uma arma. Não conseguiu e morreu.

Fachada coberta de lodo e sujeira, com direito a container de lixo, o buraco é um convite para crimes e criminosos. Fica em frente ao Setor Hoteleiro Sul e ao lado do Sindicato dos Policiais Civis do Distrito Federal, o Sinpol.

Os dois casos de assassinatos realçam bem a atual realidade do Conic e reforçam o estigma de local violento que existe há muito tempo. Cláudia Capeta não morreu no Setor de Diversões Sul, mas assim como dois homossexuais que foram assassinados no ano passado (ver memória) ela frequentava assiduamente o setor. Suas próprias companheiras de moradia dizem isso.

Dois travestis que fazem ponto no Conic e adjacências — Emerson dos Santos Almeida, 24 anos, conhecida por Eloá e Carlos Alberto Noronha Carvalho, 26 anos, conhecida por Bruna — afirmam que Capeta morreu porque tinha mania de roubar os fregueses com quem saía.

Werbeth, que era fugitivo da Justiça — condenado por assalto à mão armada — também estava sempre presente nas noites do Conic. Segundo investigações, ele estava envolvido com o tráfico de drogas, atividade que movimentava menores de rua e camêlos que vendem drogas como cocaína e merla em pequenas porções de, no mínimo, R\$ 10. "Eles escondem as drogas nos para-choques dos carros estacionados", revela Bruna.

PELA BOLA SETE

O assassino de Werbeth, Gino, não parou por aí. Cinco dias depois de ter atirado no camêlo, ele estava de volta ao Conic, no dia 17 de abril. Para atirar contra alguém novamente.

Duas pessoas, uma perseguindo a outra durante a noite, entraram correndo em uma das várias passagens subterrâneas espalhadas pelo setor. Foram parar no bar Snooker Bola Verde, um dos dois bares de sinuca do SDS. "Antes de entrarem no bar, o perseguidor disparou uma vez contra a pessoa que fugia", afirma o dono do bar Raimundo Nonato Camilo.

Segundo Camilo, a bala passou bem perto de fregueses que jogavam sinuca, ricocheteou em uma pilastra branca e foi parar numa mesa azul de metal. "O perseguido não devia conhecer bem o local, porque entrou diretamente no banheiro e o outro o encurralou", explica. "O cara só não morreu porque pedi para não matá-lo dentro do meu bar".

LEIA AMANHÃ

A opinião de quem vai ao Conic trabalhar e estudar